

**AMBIVALÊNCIAS EMOCIONAIS NO ANTROPOCENO: A PERSPECTIVA  
PSICANALÍTICA EM TEMPOS DE CRISE CLIMÁTICA**

**LUISA JANAINA LOPES BARROSO PINTO**  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)

**RAQUEL FIGUEIREDO BARRETTO**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

**Agradecimento à orgão de fomento:**  
Fundação Edson Queiroz

# AMBIVALÊNCIAS EMOCIONAIS NO ANTROPOCENO: A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA EM TEMPOS DE CRISE CLIMÁTICA

## Introdução

O colapso transdimensional que atravessa o tecido ecossistêmico e a crescente frequência de eventos extremos impactam vidas e comunidades, dentro da perspectiva global, e têm importantes implicações a longo prazo para a saúde física e mental, como resultado de mudanças ambientais agudas e crônicas, desde tempestades e incêndios florestais até a mudança de paisagens e o aumento das temperaturas (Verplanken, 2020). Evidências científicas indicam que estamos vivendo uma catástrofe ecológica, que revela de maneira brutal a formação de uma grande massa de excluídos do sistema social atual, conectando exclusão, violência e degradação ambiental de uma maneira sem paralelo (Farias, 2021).

Žižek (2013) e Leff (2011) já apontaram que “o estado de crise” é uma condição essencial para o funcionamento de um sistema econômico, especialmente o capitalismo. É possível compreender que a crise não é algo acidental, questionando não apenas as relações ecológicas que sustentam o planeta, mas também os indivíduos e suas responsabilidades nas tragédias ambientais, bem como os estilos de vida moldados pelas condições históricas desse modelo econômico.

Nesse esteio, seria o processo civilizatório, portanto, incumbido de assegurar a perpetuação da espécie humana, ou, em contrapartida, teria ele um papel preponderante na aceleração de sua própria decadência? É possível discernir que Freud edifica uma configuração teórica na qual sustenta que o 'mal-estar' não se configura apenas como um elemento externo ao processo, mas, ao contrário, se revela como uma condição intrínseca e indissociável deste. Torrano (2021) colabora com a ideia de que o crescimento das patologias narcísicas resultou em uma sociedade que oscila entre a busca por formas mais equitativas de sobrevivência e a manutenção de sistemas políticos e econômicos que ampliaram as desigualdades e a vulnerabilidade. Assim, é lícito afirmar que a crise ambiental expressa um mal-estar, enquanto o reconhecimento tácito e intuitivo do fato retorna para dentro da sua própria solução, numa forma não refletida ou não tematizada, ou seja, sem consciência da situação (Farias, 2021).

No contexto da crise climática global, observa-se uma dualidade nas reações dos indivíduos da grande casa comum, refletindo duas perspectivas ambivalentes. A primeira dessas perspectivas é marcada pela busca de uma neutralização do absurdo, com o objetivo de manter uma homeostase psíquica e preservar uma pseudo-normalidade diante de uma iminente melancolização. Comportamentos associados a essa abordagem incluem a inação ou apatia climática frente à crise (Pinto et al., 2024).

Surge assim, o que neste contexto, se denomina de 'ecofobia', entendida como o medo ou a aversão ao movimento ambientalista e suas implicações. Em certos indivíduos, essa relação com a catástrofe se manifesta como uma aposta em destrutividade, um fenômeno que pode ser descrito como um deleite cataclísmico. Essas reações estão fundamentadas em estruturas do inconsciente, onde a defesa psíquica de negação desempenha um papel importante. Como resultado, muitas pessoas possuem um senso intuitivo dos problemas ambientais, mas frequentemente optam por não os reconhecer de forma plena. Essa escolha se traduz em uma evitação do desconforto que acompanha uma conscientização mais profunda da gravidade da situação (Orange, 2017).

Nota-se, nessa esfera, uma crescente manifestação de angústias interconectadas nos âmbitos ecológico e humano, visto que os desafios ambientais globais estão profundamente relacionados com a percepção de pertencimento e identidade dos indivíduos, modificando fundamentalmente a forma como as pessoas compreendem seu lugar no mundo. Sob este prisma, Albrecht e colegas (2007) elaboram o conceito de "solastalgia", desenvolvido para dar maior significado e clareza ao sofrimento induzido por mudanças ambientais. Diferente da nostalgia, que representa a melancolia ou saudade experimentada por indivíduos quando que se encontram distantes do que consideram o lar legítimo, a solastalgia caracteriza-se pelo sofrimento produzido por transformações ambientais que impactam as pessoas enquanto elas ainda permanecem conectadas ao seu ambiente doméstico (Albrecht et al., 2007). Em situações ameaçadoras e incertas como a crise climática, esta resposta pode ser vista como a segunda perspectiva, aquilo que se chama de ecoansiedade (Clayton; Karasia, 2020; Verplanken et al., 2020).

Almeja-se, desse modo, contribuir para o preenchimento de uma lacuna perceptível nas análises interdisciplinares referentes às problemáticas socioambientais, notadamente aquelas que articulam saberes oriundos tanto das ciências sociais e humanas quanto das ciências naturais (Drummond, 2006; Silva Júnior et al., 2015). Destaca-se, nesse contexto, a ainda incipiente presença de investigações que integrem a perspectiva psicanalítica na abordagem dessas questões (Searles, 1972 ; Swyngedouw, 2010 ; Weintrobe, 2013).

Assim, sob o prisma da ambiguidade gerada por estes comportamentos, destacados como ecofobia e ecoansiedade, traz-se a seguinte reflexão: Como os sofrimentos relacionados à crise climática contemporânea são explicados na matriz psicanalítica? Para responder o questionamento proposto, o ensaio analítico terá como objetivo investigar através de diferentes textos da matriz psicanalítica, os sofrimentos ambivalentes causados pela crise climática no antropoceno, denominados de ecofobia e ecoansiedade.

## **Fundamentação teórica**

O Relatório Brundtland apontou que, em relação à degradação ambiental, a humanidade já teria ultrapassado os limites necessários para manter o modo de vida como o conhecemos (CMMAD, 1987), gerando uma perspectiva de tragédia futura que só pode ser evitada por mudanças no estilo de vida global. O documento destacou que as décadas após a Segunda Guerra Mundial foram marcadas por um “crescimento drástico e mudanças fundamentais” (CMMAD, 1987), com o aumento da população mundial em um cenário de recursos finitos, exploração agrícola, urbanização acelerada, consumo em massa e os impactos do desenvolvimento da sociedade industrial.

No antigo comportamento da sociedade, a produção era voltada, majoritariamente, para o consumo próprio, o comércio e a troca de mercadorias ocorria a partir dos excedentes da produção. Do contrário, no capitalismo, tudo é produzido com o objetivo de ser direcionado ao mercado. Tudo é transformado em mercadoria — educação, cultura, arte, relacionamentos—e já não se produz para atender às necessidades humanas, mas sim para gerar lucro. Nessa lógica, os recursos do planeta também passaram a ser explorados sob a perspectiva de uma produção em escala voltada para um mercado predominantemente linear, distante da consciência ecológica e do descentramento, e cada vez mais próxima de cenários distópicos. Diante do atual estágio da crise, aproxima-se de um ponto de não-retorno ecológico (Hansen et al ., 2006; IPCC , 2018). Próximo de um colapso sistêmico, que ameaça as condições mínimas de habitabilidade do planeta, torna-se imperativo a reconciliação com esse desamparo originário (Freud ,1930 ; Lacan ,1963 ; Klein ,1937; Winnicott , 1965).

É fato amplamente observado que o percurso do processo civilizatório, embora promova o incremento de riquezas e a ampliação de benefícios materiais e sociais, revela

simultaneamente traços de miséria, desumanidade e barbárie. Tal ambivalência dá razão à advertência freudiana, segundo a qual emerge a inquietante suspeita de que os horrores da civilização não se enraízam apenas em forças naturais externas, mas residem, sobretudo, em aspectos indômitos da constituição psíquica do próprio sujeito humano (Freud, 1930). Tal constatação conduziu Freud à conclusão de que o mal-estar não constitui um elemento alheio ao processo civilizatório, mas sim um de seus próprios fundamentos estruturais. É precisamente nesse ponto que se abre uma possibilidade de intervenção: ainda que não se possa eliminar por completo o sofrimento, haveria a chance de mitigá-lo, o que, no entanto, raramente se realiza, e esse não-fazer revela o fracasso (Freud, 1930).

Assim, ao compreendermos que a apropriação da natureza também se dá por meio da violência, da dor e da destruição, torna-se evidente que há, no cerne da sociedade, uma dimensão de fracasso estrutural e mesmo de estranheza, sobretudo quando se analisa a crise ambiental sob múltiplas perspectivas interpretativas, e formas de sofrimento sob à ótica psicanalítica freudiana (De Araújo e Di Giulio, 2020).

Considerando que todos os elementos coexistem de forma interdependente naquilo que se convencionou chamar de "casa comum", torna-se evidente que nenhum fenômeno ocorre isoladamente e que tudo repercute sobre tudo. Sob essa ótica sistêmica, a complexidade intrínseca à crise ambiental pode também ser interpretada como expressão de um processo de luto coletivo, especialmente entre aqueles que, por muito tempo, sustentaram a fantasia da infinidade dos recursos e da dominação absoluta sobre a natureza. A ruptura dessa ilusão inaugura não apenas um reconhecimento da finitude, mas também um abalo psíquico e simbólico que desestrutura concepções arraigadas de progresso e controle.

### **Ecofobia: Da fantasia da infinidade a onipotência narcísica.**

O debate em torno da ciência climática ilustra os contornos desta configuração epistêmica já amplamente ratificada. Latour (2014) defende um paradoxo fundamental sobre o debate climático: embora cientificamente a questão das mudanças climáticas antropogênicas esteja solidamente estabelecida, com evidências robustas e consenso científico raramente visto em outras áreas da ciência natural, persiste na esfera pública uma controvérsia fabricada que distorce esta realidade científica. O autor aponta ainda para uma nova dinâmica social onde fatos cientificamente comprovados são contestados não por razões epistemológicas legítimas, mas por motivações políticas e econômicas, criando assim uma dissociação entre o conhecimento científico consolidado e o discurso público, onde interesses específicos conseguem manter artificialmente uma aparência de debate sobre algo que, do ponto de vista da evidência científica, já não é realmente questionável.

Mas como justificar/compreender um comportamento que prefere negar, a se abater? Que opta por fantasiar um mundo onde todos os recursos são infinitos? Em uma inação aguda, preferindo não lidar com o medo, em uma espécie de mecanismo psíquico protetivo do cataclisma global iminente? O comportamento humano de negar realidades ameaçadoras, preferindo fantasiar um mundo de recursos infinitos ao invés de confrontar os limites da existência, encontra fundamentação teórica em diversos escritos na teoria psicanalítica. Este fenômeno psíquico, caracterizado por uma "inação aguda" frente ao medo, pode ser compreendido como um mecanismo defensivo contra a angústia provocada pela perspectiva do cataclisma (Marshall, 2015).

Ao se associar ao termo Ecofobia, na perspectiva de Sobel (2019) e Estok (2020), é concebida a percepção do medo, aversão ou desconforto em relação à natureza e questões ecológicas. No contexto psicanalítico, poderia ser entendida como uma manifestação específica de mecanismos de defesa contra a angústia/melancolia gerada por ameaças ambientais. Em "A Negação" (1925), Freud explica como este mecanismo opera no aparelho psíquico: "A negação

é um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido" (Freud, 1996).

Sob este prisma, é possível considerar que o sujeito preserve a consciência de uma ameaça concreta sem, contudo, acolhê-la em seu registro afetivo, instaurando uma cisão entre o saber racional e a vivência emocional. Quando Freud aborda o conceito de "negação" em seu ensaio de 1925, ele descreve um mecanismo psíquico complexo no qual o indivíduo pode reconhecer algo em nível intelectual, embora permaneça incapaz de assimilá-lo subjetivamente. Arendt (2004) argumenta que a mente humana não está disposta a enfrentar realidades que contradizem a sua estrutura de referência. A referida autora defende que é mais simples manipular ou condicionar as pessoas para que adotem comportamentos extremos e até mesmo repulsivos do que persuadi-las a refletir genuinamente sobre suas experiências.

Na mesma perspectiva, é através do conceito de recalque que Freud explicita a dinâmica de forças que configura uma região da vida psíquica marcada por conteúdos que, embora interditados ao campo da consciência, não deixam, por isso mesmo, de exercer influência contínua sobre o desenrolar da vida consciente e suas formações representacionais (Proença, 2012). Segundo Freud, a operação fundamental do recalque reside no ato de "afastar e manter afastado da consciência" determinados conteúdos psíquicos (Freud, 1915).

Os representantes dessas pulsões permanecem confinados na instância que ele denomina de inconsciente. A motivação desse afastamento — que recai sobre as representações — revela-se de natureza predominantemente afetiva. Este mecanismo de recalque opera predominantemente por motivação afetiva: a angústia insuportável que surgiria do reconhecimento pleno de nossa condição de seres completamente dependentes de sistemas naturais e desafiando fantasias de que o domínio sobre a natureza é uma ilusão de autonomia em relação ao mundo natural, como uma espécie de manifestação do recalque "ecofóbico".

A inação descrita pode ser compreendida como inibição resultante da angústia provocada pela perspectiva do colapso ambiental, configurando-se como restrição da capacidade do ego de responder apropriadamente à ameaça real. Freud (1996) aprofunda sua análise ao tentar apreender o estado psíquico primordial do bebê. Assim, embora a angústia possa assumir configurações distintas ao longo das fases do desenvolvimento psíquico, ela mantém, em diferentes intensidades, a marca constitutiva desse desamparo originário. Freud estabelece que "uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo". Essa definição é necessária para compreender a ecofobia: o que se teme na crise ecológica é, fundamentalmente, uma situação de desamparo radical. O desamparo (*Hilflosigkeit*) na teoria freudiana se refere originalmente à condição do bebê humano, completamente dependente de seus cuidadores para sobrevivência. Este estado primordial de dependência absoluta e vulnerabilidade constitui o protótipo de todas as situações de ansiedade posteriores (Adams, 2016; Carvalho, 2008; Weintrob, 2013 ; Stoknes, 2015).

Esta compreensão sugere que superar a inação ambiental exigiria não apenas informação ou incentivos individuais, mas transformações nas estruturas sociais que sustentam estas medidas paliativas coletivas e a criação de novos recursos psíquicos e culturais para enfrentar a angústia do limite. A inação descrita pode ser compreendida como inibição resultante da angústia provocada pela perspectiva do colapso ambiental, configurando-se como restrição da capacidade do ego de responder apropriadamente à ameaça real.

Em "O Ego e o Id" (1923), Freud fornece o arcabouço estrutural para entender como o ego mobiliza defesas contra realidades intoleráveis: "O ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo [...] O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões." (Freud, 1996). A negação da finitude dos recursos naturais, enquanto mecanismo psíquico protetivo, ilustra como o ego pode distorcer sua percepção da realidade para evitar o confronto com ameaças que desafiam sua integridade. Quando Freud afirma que "o ego é aquela parte do id

que foi modificada pela influência direta do mundo externo", ele estabelece o ego como mediador entre os impulsos inconscientes e as exigências da realidade. No contexto da crise ecológica, esta função mediadora do ego enfrenta um desafio: reconciliar nossos desejos de consumo e expansão ilimitados (provenientes do id) com a realidade material de um planeta finito.

A ecofobia, como negação da finitude dos recursos naturais, pode representar uma distorção na função do ego de testar a realidade. Diante da ameaça psíquica representada pelo reconhecimento dos limites planetários, o ego mobiliza mecanismos defensivos que permitem manter uma ilusão reconfortante de recursos infinitos e domínio ilimitado sobre a natureza. Esta operação defensiva ilustra precisamente o que Freud descreve ao definir o ego como representante da "razão e senso comum" que deve lidar com as "paixões" do id. No caso da ecofobia, o ego falha parcialmente em sua função reguladora, permitindo que fantasias inconscientes de onipotência (ligadas ao narcisismo primário) distorçam sua percepção da realidade ecológica (Lertzman, 2015; Randall, 2009; Weintrob, 2013).

Ao final, através destes recortes dos textos da matriz psicanalítica, ficou manifesto que a negação da finitude dos recursos naturais pode refletir um mecanismo psíquico protetivo que evitaria o confronto com a ameaça radical que a crise ecológica representa para o senso de segurança e estabilidade destes indivíduos. Esta percepção sugere que a ecofobia não é simplesmente uma falha cognitiva ou informacional, mas uma operação psíquica complexa enraizada nas defesas estruturais do ego contra realidades que possivelmente ameaçam provocar estados insuportáveis de angústia e desamparo.

### **Ecoansiedade: O luto ante o desamparo iminente no antropoceno.**

A psicanálise oferece uma estrutura para entender as respostas emocionais às crises ambientais, em como as pessoas negociam estados contraditórios de saber e não saber a respeito das mudanças climáticas. O que parece ser negação ou apatia frequentemente mascara um luto ambiental não processado e ansiedade que permanece inconsciente (Lertzman, 2015). Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930) sustenta a tese de que já não há mais possibilidade de reconciliação plena entre o sujeito e os imperativos da cultura, apenas a constatação de uma desilusão persistente com a condição humana. Nesse contexto, o ser humano é apresentado como profundamente desamparado, interrogando-se sobre o futuro de uma civilização marcada pelo constante tensionamento entre os anseios pulsionais e as exigências sociais. Contudo, mesmo diante desse cenário trágico, Freud levanta um paradoxo: ao reconhecermos nossa vulnerabilidade fundamental, abre-se também a possibilidade de resignificação subjetiva e reconstrução no campo do simbólico.

Lukács (1923), em *"História e Consciência de Classe"*, desenvolve o conceito de reificação (*Verdinglichung*), que descreve que sob o capitalismo, as relações sociais e a própria natureza são transformadas em "coisas" ou mercadorias no qual afirma que a essência da estrutura da mercadoria. Esta análise pode ser também estendida à relação capitalista com a natureza, onde o meio ambiente é reduzido a recursos exploráveis, desprovidos de valor intrínseco. A ecoansiedade nesse esteio surge como uma possível resposta a esta instrumentalização radical, onde a natureza é vista apenas através da lente da utilidade econômica.

Nesse horizonte, Weintrobe (2021) defende que a ecoansiedade pode ser compreendida como uma reação legítima diante de perdas concretas ou antecipadas. Sob uma perspectiva psicanalítica, é possível observar que os mecanismos defensivos mobilizados frente a essa angústia — tais como a negação, a dissociação e a desmentida — não se manifestam apenas no plano individual, mas são também culturalmente incentivados por aquilo que se denomina

'complexo de desmentida' Em "Inibição, sintoma e ansiedade" (1926), Freud afirma: "A ansiedade é a reação ao perigo. Ela é produzida como algo novo toda vez que uma situação de perigo ocorre. A ansiedade tem uma inegável relação com a expectativa: é ansiedade por algo.

Clayton (2020) anuncia que a ecoansiedade representa uma forma de sofrimento que não é puramente intrapsíquica, mas emerge da ruptura das relações ecológicas. Deste modo, então de forma análoga, a ecoansiedade poderia representar um aspecto emergente de "consciência ecológica" que reconhece a contradição fundamental entre a lógica de acumulação infinita do capital e os limites finitos dos sistemas naturais. Trata-se de uma forma de catarse que se manifesta no momento em que o sujeito toma consciência de sua inserção em um sistema estruturalmente comprometido com a degradação dos fundamentos ecológicos que sustentam a vida.

Assim, ao reconhecer que o sofrimento psíquico diante da degradação ambiental não é desvinculado das dinâmicas coletivas, torna-se evidente que nada é mais político do que as relações estruturadas pelas questões socioambientais. A ecoansiedade, portanto, pode ser lida como um sintoma que denuncia o entrelaçamento entre o mal-estar civilizatório e os limites ecológicos do planeta, um sinal de que os afetos reprimidos frente à catástrofe ambiental exigem escuta, elaboração e uma reconfiguração do laço social que os sustenta.

Bodnar (2008) e Dodds (2011) interpretam este conceito para compreender como a disrupção dos sistemas naturais dos quais se depende pode gerar uma ansiedade primitiva relacionada à própria sobrevivência. Sob outro prisma, a proposta de Bion (1970) sugere que o princípio do prazer não se encontra em radical oposição ao princípio de realidade, permitindo uma reinterpretação do funcionamento psíquico diante de situações-limite, como é o caso da crise ecológica contemporânea. Nesse sentido, a ecoansiedade emerge como um ponto de inflexão nessa dinâmica. Ela não apenas expressa a angústia diante da destruição iminente do meio ambiente, mas também evidencia os impasses psíquicos diante da exigência de reconfiguração do laço entre prazer e realidade. Compreendê-la nesse horizonte possibilita uma leitura mais complexa da crise ecológica como formação sintomática de um mal-estar civilizatório, que demanda não apenas mudanças estruturais, mas também elaboração psíquica e reconfiguração do laço entre sujeito, natureza e cultura (Albrecht et al., 2007).

Em Totem e Tabu (1913), Freud observa que a relação do ser humano com a natureza não se funda apenas nas necessidades práticas de sobrevivência, mas também em uma forma de saber que opera tanto no registro da ciência quanto no da magia. Essa formulação aponta para uma relação ambivalente, marcada por desejo e temor, dominação e reverência — ambivalência que, transposta para o contexto contemporâneo permite compreender algumas das raízes psíquicas da crise ecológica atual. A ecoansiedade, nesse quadro, pode ser lida como um sintoma emergente da fratura entre o sujeito moderno e a Terra, revelando não apenas o medo da catástrofe, mas também a urgência de ressignificar o vínculo entre o humano e o não humano.

Em luto e melancolia (1917) Freud distingue dois processos psíquicos relevantes: o luto, como resposta normal à perda de um objeto amado e a melancolia, como processo patológico onde o ego se identifica com o objeto perdido. Baseando-se na teoria freudiana, Lertzman (2015) propõe a diferença entre luto e melancolia, onde no luto normal há um processo de reconhecimento da perda e gradual desinvestimento emocional, permitindo eventual reinvestimento em novos objetos. Na melancolia, esse processo é bloqueado. A autora também alinha o termo melancolia ambiental, estado psíquico em que as perdas ambientais não são adequadamente processadas. Diferente do luto, que é um processo de elaboração, a melancolia ambiental representa um estado de paralisação em que a perda não é plenamente reconhecida ou processada: o indivíduo permanece emocionalmente vinculado ao que está sendo perdido, ao final, percebe-se a ambivalência entre saber da perda e não poder/querer reconhecê-la completamente.

Lertzman (2015) identifica uma posição paradoxal em que é possível simultaneamente estar cientes da destruição ambiental e participando de sistemas que a perpetuam, criando um conflito interno paralisante. Ainda sob a forte influência de Luto e Melancolia (1917), Orange (2017) discute como a incapacidade de processar o luto pelas perdas ecológicas contribui para inação e desespero. A autora orienta que no trauma, também podemos sofrer uma lesão narcisista chocante, isto é, um golpe doloroso em nosso senso de identidade, de direito, de nosso lugar no universo. Em Freud, sua descoberta do inconsciente foi um golpe chocante. “Não somos mais donos em nossa própria casa”, disse ele. Orange (2017) afirma que éramos hóspedes e talvez administradores, mas pensávamos que éramos senhores, mestres e proprietários. A crise climática ensina lições dolorosas e há muito necessárias de humildade, lições que a maioria não percebe.

Por fim, em "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução" (1914), Freud mostra que dois aspectos são, portanto, relevantes no entendimento sobre narcisismo: o primeiro diz respeito à busca de uma completude perdida; o segundo diz respeito à fragilidade e à vulnerabilidade diante da falta, da crise, da perda. Nestes termos, pode-se inferir que a crise, ante ao colapso iminente, seria uma ferida narcísica coletiva. Freud sugere que o desenvolvimento da ciência causou três grandes "feridas narcísicas" à humanidade: Copérnico mostrando que não somos o centro do universo; Darwin revelando nossa origem animal; e a própria psicanálise demonstrando que não temos controle total sobre nossa mente. Podemos considerar a crise climática como uma quarta ferida narcísica, uma demonstração de que nossa espécie não tem controle absoluto sobre o planeta e que nossas ações têm consequências irreversíveis.

## **Ecofobia, Ecoansiedade e o modelo pulsionado climático: O descentramento ecológico.**

A crise ambiental pode ser compreendida como um sintoma que remete à formulação freudiana de 1895, expressando uma verdade incômoda sobre os sujeitos que compõem o tecido da modernidade. Ela opera como espelho dos impasses do projeto civilizatório contemporâneo, interpelando-os quanto à direção para onde a sociedade está caminhando (Farias, 2021). Cada nova catástrofe socioambiental reatualiza uma lógica pulsional que atravessa a história da civilização, revelando a repetição de mecanismos inconscientes que sustentam a destrutividade coletiva. A consciência desse padrão pode oferecer pistas sobre os motivos pelos quais a devastação do planeta tem sido, de algum modo, tolerada e incentivada pelo capitalismo (Freud, 1927 ; Marcuse, 1999; Guattari, 2012; Dupuy, 2004 ; Latour, 2020 ; Žižek, 2012 ; Krenak, 2019 ; Gorz, 2010 ; Stengers, 2015).

Žižek (2012) apresenta um contexto que considera que o modelo econômico capitalista caminha para um colapso crítico, um momento de ruptura profunda. O autor ainda considera que quatro grandes ameaças convergem para este cenário de extrema gravidade: a deterioração ambiental planetária; as potenciais consequências imprevisíveis dos avanços em engenharia genética; as contradições internas do próprio sistema (incluindo disputas por propriedade intelectual e competição crescente por recursos naturais essenciais como água, alimentos e matérias-primas); e o agravamento progressivo das desigualdades sociais, criando uma sociedade cada vez mais fragmentada e excludente. Estas forças destrutivas atuam simultaneamente, como quatro vetores de uma mesma crise civilizatória.

Žižek (2008) também explora o que ele chama de Discurso dos Mercados, que, embora não seja um discurso lacaniano formal, é crucial para entender a contemporaneidade. Os mercados, em sua aparente autonomia e racionalidade, operam como um agente impessoal e auto referencial. Eles se apresentam como a instância que decide, que pune ou recompensa, desvinculada de qualquer agente humano específico. A lógica dos mercados é a do imperativo

categorico do capital: "Aja de tal modo que você maximize o lucro e o crescimento, independentemente das consequências sociais ou ambientais." As organizações, nesse contexto, são impelidas a se adaptar a essa lógica, priorizando a maximização do valor para o acionista acima de tudo.

Nesse horizonte, foi percebido que o sistema capitalista se sustenta em pilares como o hedonismo, o consumismo, a virtualização da experiência, a efemeridade das relações, o culto à tecnologia bem como na medicalização da existência e na aceleração incessante promovida pela lógica da fluidez e da obsolescência. A partir dessa perspectiva, promove-se a reificação, processo pelo qual as relações sociais são transformadas em relações entre coisas, fenômeno que atinge sua expressão máxima na sociedade de consumo.

Nesse contexto, as pessoas são reduzidas à condição de meros consumidores e as interações humanas passam a ser mediadas quase exclusivamente pela lógica da mercadoria, onde o valor de troca suplanta o valor de uso (Lukács, 2013; Adorno e Horkheimer, 1985; Marcuse, 1999; Honneth, 2005; Foucault, 1979; Rosa, 2019; Debord, 1997; Baudrillard, 1995; Žižek, 1999, Bauman, 2001). Para Žižek (2008), o discurso capitalista opera através de uma lógica perversa que promete satisfação ilimitada através do consumo, mas produz sistematicamente insatisfação para manter o ciclo produtivo. No contexto da "pulsão climática", essa dinâmica se manifesta de forma particularmente destrutiva: a ecofobia encontra no discurso capitalista sua articulação ideológica perfeita, justificando a dominação e exploração da natureza como imperativo de "progresso" e "desenvolvimento".

Embora Freud não tenha tratado diretamente de temas como a ecoansiedade ou a ecofobia, suas teorias sobre a ansiedade, o trauma e a relação entre o indivíduo e a civilização oferecem instrumentos conceituais que psicanalistas contemporâneos têm adaptado para interpretar as respostas psíquicas diante da crise ambiental. Assim, ao buscar articular um modelo teórico para compreender as reações subjetivas frente à grave crise climática, intensificada por um sistema econômico fundado na lógica do consumo, que normaliza o estresse, os distúrbios psíquicos, recorre à matriz psicanalítica. Esta abordagem psicanalítica sugere que nossas respostas emocionais às crises ambientais representam conflitos pulsionais (Quadro 01) profundos entre desejos de preservação e tendências destrutivas, podendo explicar a ambivalência frequentemente observada nas atitudes em relação à natureza.

Quadro 01. Estrutura analítica dos componentes da pulsão climática.

<b>Componente da Pulsão (Trieb)</b>	<b>Ecofobia</b>	<b>Ecoansiedade</b>
<b>Fonte (Quelle)</b>	Sentimento de medo e repulsa experienciadas ao defrontar ambientes naturais ou desastres ambientais.	Angústia constante e sintomas físicos de ansiedade relacionados à percepção de ameaças climáticas.

<b>Pressão (<i>Drang</i>)</b>	Potência constante que trabalha para distanciar-se ou conter ecossistemas, desenvolvendo comportamentos de esquiva ou de dominação do natural.	Tensão recorrente para responder às ameaças climáticas, seja através da ação ou da ansiedade contínua em problemas ambientais.
<b>Objeto (<i>Objekt</i>)</b>	Os ecossistemas naturais são percebidos como ameaça ou uma manifestação imponderável. A satisfação pulsional ocorre através do distanciamento ou manipulação deste objeto.	Dual: tanto o ecossistema natural em risco quanto às informações/elementos sobre essa ameaça. O gozo ocorre através de iniciativas de anteparo ou refazimento ambiental.
<b>Finalidade (<i>Ziel</i>)</b>	Restringimento da inquietude através do abandono ou controle sobre o ambiente natural, proporcionando um conforto transitório da angústia.	Contenção da inquietude através de movimentos de preservação ou informação sobre o meio ambiente e engajamento em práticas sustentáveis.

Fonte: Elaboração dos autores adaptado Freud, 1895.

Assim como as pulsões clássicas estruturadas por Freud, é possível esquadrihar um modelo adaptativo para as discutidas angústias/sofrimentos psíquicos derivados da crise climática: ecofobia e ecoansiedade, é válido inferir que os comportamentos específicos em sua trajetória são possivelmente a conjunção de sintomas que comumente estão relacionados a enfoques mais vastos da dinâmica inconsciente, e não somente a episódios isolados. Os sintomas eram vistos como expressões de conflitos interiores não resolvidos, muito associado ao recalçamento e a dinâmica do inconsciente (Grosz, 2017; Horney, 1991; Sawyer, 2022).

Ainda no resgate da perspectiva freudiana para a ecofobia, o estereótipo de comportamento narcísico pode ser compreendido como parte constitucional da relação que o sujeito estabelece com a realidade, em que, diante da fragilidade, recorre-se à sua negação/inação por meio de produções onipotentes de que os ecossistemas naturais são meramente objetos de exploração. A crise se vincula a uma fantasia de infinidade do planeta do modelo exploratório do sistema capitalista vigente, que aciona as defesas, levando à busca de uma completude imaginária, que, no entanto, mostra sua fragilidade diante da ameaça. Esse processo, por vezes, é lido como angústia de aniquilamento, ou simplesmente traduzido como medo da morte.

Trata-se de um processo inconsciente de manutenção da sobrevivência, o qual facilita a identificação, no campo político, com discursos que se apresentem securitários, apoiados em formas de evitar o encontro com as figuras da finitude, condensadas sob a palavra crise (De Araújo e Di Giulio, 2020). Assim, é possível insinuar outra lente explicativa do comportamento ecofóbico, para além do narcisismo, que seria o processo de descentramento, ato de deslocar o ser humano do centro absoluto do pensamento e da existência (Freud, 1923). Foucault (1966) articulou em seus argumentos os três grandes descentramentos na memória do pensamento no ocidente: o advento heliocêntrico de Copérnico, a teoria evolucionista no contexto biológico de Darwin e o psicanalítico do inconsciente freudiano, onde cada um destes momentos representou uma ferida narcísica para a humanidade, deslocando-a progressivamente de sua posição central. Nesta esfera, Morton (2013) propõe que a ecofobia pode ser compreendida como uma resistência ao que ele chama de "quarto descentramento", o ecológico, onde é criado

o arquétipo que não se concebe seres /sociedade separadas da natureza, mas sim profundamente entrelaçados com ela.

Em contrapartida, a ecoansiedade pode ser interpretada como uma resposta emocional ao descentramento ecológico, mesmo as pulsões climáticas com suas cargas psíquicas abastecidas de distintos sofrimentos, a ecoansiedade pode ser interpretada como uma manifestação da consciência emergente desta totalidade ecológica que o capitalismo fragmenta. O sofrimento psíquico diante da destruição ambiental reflete uma compreensão das interconexões sistemáticas que o modelo de sociedade vigente obscurece. Assim, o descentramento ecológico em psicanálise envolve ir além de uma visão fixa e egocêntrica do sujeito, enfatizando a natureza construída e frágil da identidade.

Mesmo com a carga de sofrimento que se impõe o indivíduo “ecoansioso”, é concebível considerar que a angústia causada pela degradação ambiental pode ser considerada como um desvelar da consciência emergente de um descentramento ecológico (Albrecht, 2019). É legítimo considerar também que a "dor pelo mundo", na ecoansiedade é um processo necessário de reconhecimento da conexão com ecossistemas maiores, essencialmente uma experiência de descentramento do ego humano (Macy, 2014). Ainda nesta ótica, Naess (1989) sugeriu que o sofrimento diante da crise ambiental pode catalisar a "identificação profunda" com o ambiente natural, essencialmente um processo de descentramento do ego que transforma a ansiedade em ação ecológica. Sendo crível admitir que o sentimento angustiante, como a ecoansiedade, pode motivar um descentramento radical da perspectiva individual em favor de uma consciência ecológica coletiva, transformando a ansiedade em ativismo.

## **Considerações finais**

No texto denominadas de ecofobia e ecoansiedade, compreendeu-se que em suas interpretações psicanalíticas é possível obter respostas psicológicas às crises ambientais. Observou-se que os sofrimentos refletem o crescente impacto da degradação ecológica e das mudanças climáticas na saúde mental, estimulando a exploração clínica e teórica, especialmente em contextos psicanalíticos e psicoterapêuticos.

Na perspectiva da “ecofobia”, infere-se que a ação do fenômeno está enraizada e adota-se a negação/inação como dispositivos de defesa ante à magnitude da crise climática. Apesar da congruência do pensamento científico sobre as mudanças globais ambientais, os “ecofóbicos” persistem na rejeição coletiva motivada por possível ideologização suscitada por interesses do sistema. Freud, ao teorizar sobre mecanismos como a negação, o recalque e a ilusão, oferece instrumentos para compreender essa inação diante da catástrofe.

A ecofobia, nesse cenário, pode se revelar também como expressão de um delírio de infinitude dos recursos e da onipotência narcísica descrita por Freud, onde a possível incapacidade do ego em lidar com a ameaça do colapso ambiental, distorce a realidade para preservar a ilusão de controle. Nesse contexto, infere-se que a rejeição em lidar com os limites planetários pode decorrer da angústia causada pela percepção de desamparo, conceito fundamental na psicanálise freudiana, refletindo um desvio na aplicação funcional da mediação do ego. Desta forma, o indivíduo pode até reconhecer, mesmo que inconscientemente, a ameaça ambiental, mas permanece desconectado dela. A ecofobia, neste íterim, seguindo o pensamento psicanalítico freudiano, não é mera ignorância, mas uma defesa psíquica estruturada para evitar o sofrimento gerado pelo reconhecimento da vulnerabilidade humana diante da natureza. Responder exige, além de informação/educação ambiental, recursos psíquicos e culturais aptos para o enfrentamento da angústia provocada predominantemente pelo fim da fantasia de domínio irrestrito sobre o planeta.

O texto ainda propõe uma análise psicanalítica da ecoansiedade, compreendida como resposta emocional legítima à crise climática do Antropoceno. No contexto da literatura psicanalítica, o sofrimento alastrado decorre do conflito entre a consciência da destruição ambiental e a participação ativa nos sistemas que a perpetuam. Seguindo Freud, os textos elucidam o desamparo do sujeito contemporâneo ante ao mal-estar civilizatório, à perda de vínculos representativo com a natureza e ao imperativo da invasão do modelo capitalista, que vincula tudo a meras mercadorias.

A ecoansiedade pode revelar um luto ambiental não elaborado, em uma estreita relação com a melancolia ambiental, onde a perda da natureza não é plenamente aceita, transformando a realidade do sujeito em uma angústia paralisante. Esse sofrimento psíquico é também coletivo, expressando-se como sintoma de uma civilização em crise. A crise ecológica seria, assim, uma anunciada também ferida narcísica, ao evidenciar que a humanidade não domina a Terra nem é autossuficiente. Nesse sentido, a ecoansiedade, em resposta, pode se tornar catalisadora de novos sujeitos, mais conscientes da finitude, da finitude de recursos planetário e apontado a necessidade de reconfiguração dos vínculos entre sujeito, cultura e natureza.

Foi possível em uma reflexão aprofundada realizar uma alusão às constatações científicas no pensamento ocidental (Copérnico, Darwin, Freud), tem-se a ideia dos “descentramentos” psicanalíticos, o ensaio propõe a possibilidade de um outro descentramento: o ecológico, que desafia o antropocentrismo e evidencia a interdependência entre ser humano e natureza. A ecoansiedade, nesse sentido, pode ser vista como uma dor necessária, uma abertura à consciência ecológica e ativismo.

Na estruturação da matriz psicanalítica, foi possível conciliar o conceito de pulsão de morte (Thanatos) na plataforma analítica designada no texto como "pulsão climática". Esta se manifesta através da ecofobia, que pode emergir como impulso de completa dominação dos recursos naturais e consumo/exploração insustentável. Em contrapartida, a pulsão de vida (Eros), incorporando a noção žižekiana de "paralaxe", a crise climática pode ser compreendida como um *gap* ontológico que expõe a impossibilidade de síntese entre crescimento econômico ilimitado e limites planetários.

A "pulsão climática" opera neste espaço de paralaxe, manifestando-se ora como ecofobia (defesa do sistema), ora como ecoansiedade (denúncia de suas contradições). A superação da crise climática exige nessa estrutura, portanto, não apenas mudanças tecnológicas ou comportamentais, mas uma transformação na estrutura discursiva dominante (Žižek, 2008). A emergência de novos laços sociais, para além da lógica capitalista, torna-se condição necessária para a elaboração coletiva do trauma ecológico e para a construção de uma civilização verdadeiramente sustentável. Esta perspectiva psicanalítica da crise climática revela que a transição ecológica não é apenas uma questão técnica ou política, mas fundamentalmente uma questão de reestruturação do inconsciente coletivo e dos discursos que organizam a vida social.

Por fim, resgatar o objetivo do ensaio que consistiu em investigar através de diferentes textos da matriz psicanalítica, os sofrimentos ambivalentes causados pela crise climática no antropoceno, denominados de ecofobia e ecoansiedade, foi apresentado crise climática como um sintoma psíquico-cultural. Com base nos textos de matriz psicanalítica discutidos no artigo, propõe-se o conceito de "pulsão climática", que estrutura as manifestações da ecofobia e da ecoansiedade como respostas inconscientes à degradação ambiental. A ecofobia aparece como um impulso de negação e dominação da natureza, enquanto a ecoansiedade reflete a angústia diante da ameaça ecológica, podendo despertar formas de ativismo. Desvelou-se também a força da lógica capitalista, que instaura o apelo incessante por consumismo, hedonismo e reificação das relações e neste esteio deverá patrocinar o cataclisma planetário, sustentando alegações narcísicas e promovendo o distanciamento da realidade de crise.

## Referências

ADAMS, Matthew. *Ecological Crisis, Sustainability and the Psychosocial Subject: Beyond Behaviour Change*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Original publicado em 1944).

ALBRECHT, G.; SARTORE, G-M.; CONNOR, L.; et al. Solastalgia: the distress caused by environmental change. *Australas Psychiatry*, v. 15, 2007, p. S95-S98.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo: seus mitos e seus ritos*. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos Editora; Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BION, Wilfred R. *Attention and Interpretation*. London: Karnac Books, 1970.

BODNAR, Susan. Wasted and bombed: Clinical enactments of a changing relationship to the earth. *Psychoanalytic Dialogues*, v. 18, n. 4, p. 484-512, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CLAYTON, Susan. Climate anxiety: Psychological responses to climate change. *Journal of Anxiety Disorders*, v. 74, p. 102263, 2020.

CLAYTON, Susan; KARAZSIA, Bryan T. Development and validation of a measure of climate change anxiety. *Journal of environmental psychology*, v. 69, p. 101434, 2020.

CLAYTON, Susan; KARAZSIA, Bryan T. Development and validation of a measure of climate change anxiety. *Journal of environmental psychology*, v. 69, p. 101434, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494419307145>. Acesso em: 10 jul. 2024

CMMAD – Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DE ARAUJO, Adriano Kasiorowski; DI GIULIO, Gabriela Marques. Desenvolvimento sustentável: uma estratégia narcísica para enfrentar a crise ambiental?. *Ambiente & Sociedade*, v. 23, 2020.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Original publicado em 1967).

DUPUY, Jean-Pierre. *Pour un catastrophisme éclairé: quand l'impossible est certain*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

- DUNKER, C. et al. *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras, 2016.
- DODDS, Joseph. *Psychoanalysis and ecology at the edge of chaos: Complexity theory, Deleuze|Guattari and psychoanalysis for a climate in crisis*. London: Routledge, 2011.
- DRUMMOND, J.A. A primazia dos cientistas naturais na construção da agenda ambiental contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 5-25, out. 2006.
- ESTOK, Simon C. *The Ecophobia Hypothesis*. New York: Routledge, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III)*. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. XVI.
- FREUD, S. *Dois verbetes de enciclopédia*. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v. XVIII.
- FREUD, S. A negação (1925). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 19, p. 261-269.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 21, p. 65-148.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e ansiedade (1926). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 20, p. 79-171.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 19, p. 13-82.
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica (1895)*. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas. Vol. 1: Textos técnicos e científicos iniciais (1887-1899)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 353-426.
- FARIAS, A. L. *Psicanálise e meio ambiente: caminhos para uma educação ambiental*. Curitiba: Medusa, 2021.
- FARIAS, Ana Lizete. A Psicanálise e o Meio Ambiente. *Instituto Espe*, 21 set. 2023. Disponível em: <<https://www.institutoespe.com.br/post/psicanalise-e-meio-ambiente>>. Acesso em: 13 de Março de 2025.
- GORZ, André. *Ecológica*. Trad. Celso Azzan Jr. São Paulo: Annablume, 2010.
- GROSZ, Elizabeth. *Psychoanalysis and the body*. In: \_\_\_\_\_. *Feminist theory and the body: a reader*. London: Routledge, 2017. p. 267-271. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315094106-31>.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 212.

HANNIGAN, J. *Sociologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2006.

HANSEN, James et al. Global temperature change. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 103, n. 39, p. 14288-14293, 2006.

HONNETH, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2005.

HORNEY, Karen. The goals of analytic therapy. *The American Journal of Psychoanalysis*, New York, v. 51, p. 219–226, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF01249243>.

ILLICH, Ivan. *Nêmesis da medicina: a expropriação da saúde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

IPCC. Global Warming of 1.5°C. An IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C above pre-industrial levels and related global greenhouse gas emission pathways.

Genebra: IPCC, 2018.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115–138, jan./jun. 2003.

KLEIN, M. Amor, culpa e reparação. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1937].

KOVEL, Joel. On Marx and ecology. *Capitalism Nature Socialism*, v. 22, n. 1, p. 4-17, 2011.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACAN, J. O Seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 [1962-1963].

LASCH, C. *A cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LATOUR, Bruno et al. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de antropologia*, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Trad. Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LERTZMAN, Renée. *Environmental Melancholia: Psychoanalytic Dimensions of Engagement*. Londres: Routledge, 2015.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. (Original publicado em 1923).

- MACY, Joanna; BROWN, Molly Young. *Coming back to life: the updated guide to the work that reconnects*. Gabriola Island: New Society Publishers, 2014.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- MARSHALL, George. *Don't even think about it: Why our brains are wired to ignore climate change*. Bloomsbury Publishing USA, 2015.
- MORTON, Timothy. *Hyperobjects: philosophy and ecology after the end of the world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle: outline of an ecosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ORANGE, Donna M. *Climate crisis, psychoanalysis, and radical ethics*. Routledge, 2016.
- PROENÇA, Nuno Miguel. Recalcamento e passibilidade na leitura de Freud por Michel Henry. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, v. 14, n. 2, p. 144-161, 2012.
- ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 180–188, 2010.
- RANDALL, Rosemary. Loss and climate change: The cost of parallel narratives. *Ecopychology*, v. 1, n. 3, p. 118-129, 2009.
- STOKNES, Per Espen. *What We Think About When We Try Not to Think About Global Warming: Toward a New Psychology of Climate Action*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2015.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SEARLES, H. F. Unconscious processes in relation to environment crisis. *Psychoanalytical Review*, v. 59, n. 3, p. 361-374, 1972.
- SILVA JUNIOR, R. D.; FERREIRA, L. C.; LEWINSOHN, T. M. Entre hibridismos e polissemias: para uma análise sociológica das sustentabilidades. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 35-54, dez. 2015.
- SWYNGEDOUW, E. Apocalypse Forever? *Theory, Culture & Society*, v. 27, n. 2–3, p. 213–232, 2010.
- SOBEL, David. *Beyond Ecophobia: Reclaiming the Heart in Nature Education*. 2. ed. Stenhouse Publishers, 2019.
- SAWYIER, Thomas. A fresh look at psychoanalytic technique: selected papers on psychoanalysis by Fred Busch (review). *American Imago*, Baltimore, v. 79, p. 783–792, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1353/aim.2022.0043>.

TORRANO, Luciana Marchetti. O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade. Berggasse 19, v. 11, n. 1, p. 72-85, 2021.

TAYLOR, Matthew; MURRAY, Jessica. Overwhelming and terrifying?: The rise of climate anxiety. *The Guardian*, v. 10, n. 2, p. 2020,2020.<https://www.theguardian.com/environment/2020/feb/10/overwhelming-and-terrifying-impact-of-climate-crisis-on-mental-health>

VERPLANKEN, Bas; MARKS, Elizabeth; DOBROMIR, Alexandru I. On the nature of ecoanxiety: How constructive or unconstructive is habitual worry about global warming?. *Journal of Environmental Psychology*, v. 72, p. 101528, 2020.

WINNICOTT, D. W. A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1965].

WEINTROBE, Sally (Ed.). *Engaging with Climate Change: Psychoanalytic and Interdisciplinary Perspectives*. Londres: Routledge, 2013.

WEINTROBE, Sally. *Psychological Roots of the Climate Crisis: Neoliberal Exceptionalism and the Culture of Uncare*. London: Bloomsbury Academic, 2021.

WEINTROBE, S. *Engaging with climate change: Psychoanalytic and interdisciplinary perspectives*. Routledge, 2013.

ŽIŽEK, S. *A Visão em Paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2012.

ŽIŽEK, S. *Bem-vindo ao deserto do Real!* Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2013.